



A LINGUAGEM DOS PROTESTOS:

Uma análise discursiva dos cartazes das manifestações sociais brasileiras

FARIAS, Denis Alves¹

ALVES, Henrique Roriz Aarestrup²

Resumo - Com os Manifestos Sociais ocorridos no Brasil em junho de 2013, discussões tornaram-se frequentes no âmbito social, principalmente na esfera pedagógica, em que jovens se engajam cada vez mais em sua participação ativa e crítica na realidade brasileira por meio dos mais variados gêneros discursivos, principalmente o cartaz, tão comum nos protestos de junho de 2013. A partir dessas discussões, fora proposto pelos alunos e professor um projeto de intervenção que objetivasse a formação crítica e cidadã por meio da análise discursiva dos cartazes dos manifestos sociais no Brasil. Desta forma, a metodologia utilizada para a análise dos cartazes fundamentou-se por teorias dos manifestos sociais e análise do discurso. Assim, foram utilizadas estratégias de sequência didática, cujo objetivo é auxiliar o educando a dominar melhor um gênero por meio de um conjunto de atividades pedagógicas organizadas de maneira sistemática em torno de um gênero textual. Como resultado da intervenção pedagógica com os discentes, o estudo possibilitou melhorias na prática pedagógica do professor por meio de momentos de discussão e reflexão sobre o processo de intertextualidade e interdiscursividade e sua relação com os fatos contemporâneos e históricos, além de procedimentos de sequência e análise discursiva, que tornaram as aulas mais dinâmicas, criativas e interativas, tendo como protagonista o educando autônomo e agente transformador social. O resultado da pesquisa fora apresentado como trabalho de conclusão do Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, ofertado pela UNEMAT, *Campus SINOP*.

Palavras-Chave: Práticas Sociais, Manifestos Sociais, Gênero Discursivo, Análise do Discurso

INTRODUÇÃO

Nos processos ensino e aprendizagem, é essencial uma maior relação discursiva aos fatos do dia a dia e interação às diversas áreas do conhecimento, produzindo, assim, textos coerentes, claros e objetivos. No entanto, ainda se percebe nos Ensinos Fundamental e Médio uma grande dificuldade dos adolescentes em relacionar e expressar essas informações nos aspectos linguísticos e discursivos, como percebido nas produções escritas e orais de alguns educandos da terceira fase do terceiro ciclo de aprendizagem do Ensino Fundamental e

¹ Mestrando da primeira turma do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, UNEMAT *Campus SINOP*.

² Prof. Dr. em Literatura e professor da disciplina Linguagem, Práticas Sociais e Ensino do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, UNEMAT *Campus SINOP*.



primeiro ano do Ensino Médio; assim, torna-se essencial um maior aprofundamento das práticas de leitura com enfoque social, através dos diversos mecanismos de aquisição de aprendizagem, associando-os aos eventos de multiletramentos.

Diante dessa problemática foi direcionado um projeto em forma de Sequência Didática: A Linguagem dos Protestos - Uma análise discursiva dos cartazes das manifestações sociais brasileiras, em virtude das mobilizações que ocorreram em junho, tema constante da mídia brasileira do ano de 2013. Muitos desses discentes participaram desses protestos e, no protagonismo juvenil, entenderam o que era requerido pela população em geral; alguns acharam interessante aquele montante de pessoas nas ruas; e muitos começaram a opinar sobre o acontecido, ainda de forma perceptível, sem aprofundamento teórico e crítico. Certamente, a partir dessa data, houve mudanças nas atitudes e posicionamentos desses jovens que participaram pela primeira vez de manifestações que visaram mudanças na conjuntura social brasileira.

Em junho de 2013, ocorreu no Brasil uma onda de manifestações populares que reuniu mais de um milhão de pessoas, com similaridade em apenas quatro momentos históricos do país: em 1992, no *impeachment* do ex-presidente Collor de Melo; em 1984, no movimento Diretas Já, no período do regime militar, na luta pelo retorno à democracia; e nos anos de 1960, nas greves e paralisações pré-golpe militar de 1964, e nas passeatas estudantis de 1968.

Os movimentos sociais são fontes de inovações e mudanças sociais, detêm um saber, decorrentes da força popular em suas práticas cotidianas, passíveis de serem apropriadas e transformadas em força produtiva. A presença dos movimentos sociais é uma constante na história política do país, mas ela é cheia de ciclos, com fluxos ascendentes e refluxos (alguns estratégicos, de resistência às novas forças sociopolíticas em ação), impulsionando mudanças sociais diversas (GOHN, 2013).

Dentro dos movimentos de protestos, surgem os manifestos sociais, que atuam em coletivos não hierárquicos, com gestão descentralizada, produzem mobilizações com outra estética; os participantes têm mais autonomia, não atuam sob a coordenação de uma liderança central. São movimentos com valores, princípios e formas de organização distintas de outros movimentos sociais, a exemplo de sindicatos, movimentos identitários e outros. Os protestos de junho de 2013 foram denominados pela mídia e outros como “manifestações”, foram, na maioria das vezes, manifestações que expressam estado de indignação face à conjuntura

política nacional. As mobilizações adquiriram, nesses eventos, um caráter de movimento de massa, de protesto, de revolta coletiva, aglutinando a indignação de diferentes classes e camadas sociais, predominando a classe média propriamente dita, e diferentes faixas etárias, destacando-se os jovens (GOHN, 2013).

Um grande referencial que marcou essas mobilizações foi o uso de redes sociais. Sabe-se que elas foram desencadeadas em São Paulo por movimentos sociais organizados, com o predomínio do Movimento Passe Livre (MPL), a partir de uma demanda pontual – contra o aumento da tarifa de transportes coletivos. A partir de 20 de junho, a população, principalmente os jovens, fizeram desses atos uma expressão de descontentamento profundo, mas com motivos muito variados, tais como: a má qualidade dos serviços públicos, especialmente transportes, saúde, educação e segurança pública. As ruas brasileiras foram invadidas por milhares de pessoas – em sua maioria jovens – expressando descontentamento perante a realidade brasileira; em vez das faixas com as reivindicações organizadas, muitos carregavam cartazes, registrando suas demandas individuais, raiva e criatividade.

Gohn (2013) pontua que os slogans dos cartazes, a maioria escritos à mão, rudimentares, são emblemáticos para ilustrar que com a adesão de multidões às manifestações, as demandas ampliaram-se mais ainda, e o alvo passou a ser “contra tudo”, além da denúncia sobre a violência da polícia: “Nossos sonhos valem mais que 0,20”, “Democracia já”, “Desculpem o transtorno, estamos mudando o Brasil”, “A juventude acordou”, “O povo não deve temer o governo, o governo deve temer o povo”, “O gigante acordou”, “Ou para a roubalheira, ou paramos o Brasil”, etc. O fato é que frases proferidas expressam um grande recado: não estamos satisfeitos, não queremos esse modelo de desenvolvimento.

AS MANIFESTAÇÕES SOCIAIS E A ANÁLISE DISCURSIVA DOS CARTAZES DOS MANIFESTOS SOCIAIS DE 2013

Com os Manifestos Sociais ocorridos no Brasil em junho de 2013, discussões tornaram-se frequentes no âmbito social, principalmente na esfera pedagógica, em que jovens se engajam cada vez mais em sua participação ativa e crítica na realidade brasileira. A partir dessas discussões, fora proposto pelos alunos e professor um projeto de intervenção, a partir



da proposta de intervenção do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, que objetivasse a formação crítica e cidadã por meio da análise discursiva dos cartazes dos manifestos sociais no Brasil, em uma perspectiva de cruzamento de textos, ou seja, gêneros que se interligam e fomentam a temática em um contexto global.

Este trabalho foi realizado no município de Juara - MT e abrangeu uma turma da terceira fase do terceiro ciclo do Ensino Fundamental e uma do primeiro ano do Ensino Médio da esfera estadual. Partindo da realidade dos educandos em suas práticas discursivas e argumentativas nas diversas esferas de atividade, principalmente quanto à questão social, trabalhou-se com a linguagem dos protestos no gênero discursivo cartaz e, assim, pôde-se analisar os elementos discursivos que retrataram os manifestos sociais por meio de estudos teóricos.

Os estudos sobre os manifestos sociais partiram de aporte teórico dos paradigmas clássicos e contemporâneos desses movimentos, com categorias de análise diferenciadas para o universo explicativos desses modelos, assim, o paradigma norte-americano possui explicações centradas mais nas estruturas das organizações dos sistemas sociopolíticos. O paradigma latino-americano concentra-se nos estudos sobre os movimentos sociais libertários ou emancipatórios e na era da globalização os novos movimentos sociais se efetivam com a participação da sociedade em atividades coletivas, tendo um fator decisivo na constituição de identidades e nas biografias pessoais, frequentes nas mobilizações sociais brasileiras nas últimas décadas (GOHN, 2013).

Além de estudos acerca dos manifestos e movimentos sociais, a análise discursiva dos cartazes dos movimentos sociais fundamentou-se em estudos teóricos sobre análise do discurso, com contribuição de vários autores, dentre eles, Eni Orlandi e Fernanda Mussalim, autoras que discutem sobre Análise do Discurso, desde sua origem, às fases da AD, essenciais para a análise discursiva dos módulos apresentados na proposta de intervenção. Com foco na AD-2 que trata dos conceitos de Formação Discursiva, introduzida por Foucault e, principalmente, a AD-3 que diz respeito à relação de uma FD com as outras, com a perspectiva de que uma FD está sempre dominada pelo interdiscurso. O objeto da análise passa a ser o espaço de trocas entre formações discursivas. Desta forma, a AD3 é o procedimento em que se baseia a análise das características discursivas dos manifestos de 2013.



Orlandi (2012) pontua que a Análise de Discurso não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso, e esse termo tem, em si, a ideia de curso, percurso, movimento, de correr por. Assim, para a autora, o discurso é palavra em movimento, prática de linguagem. A análise de discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada sociedade.

Orlandi (2012) argumenta que podemos dizer que a AD pressupõe a psicanálise, a linguística e o marxismo, constituindo-se como uma disciplina de entremeio, localizada na contradição dos três campos do saber. Assim, a análise de discurso se faz entre a linguística e as ciências sociais. Se, por um lado, interroga a linguística que exclui o que é histórico-social ao pensar a linguagem, por outro lado interroga as ciências sociais na medida em que não consideram a linguagem em sua materialidade. A análise de discurso faz isso sem, no entanto, ser uma resposta a essas questões. Mostra que, para responder ao que interroga, é necessário um deslocamento de terreno e constituir outra região teórica em que a relação entre o sócio-histórico e o linguístico é constitutiva.

Os estudiosos de AD postulam que, se por um lado não há discurso destituído de ideologia, por outro não há discurso que não tenha e/ou apresente a inscrição de outros, visto que todos eles nascem e apontam na perspectiva de suas relações com outros discursos. Desse modo, a AD privilegia o conceito de interdiscursividade para os estudos que desenvolve no campo da investigação sobre a linguagem. Assim sendo, a uma dada formação discursiva sempre corresponde uma dada formação ideológica (BRANDÃO, 2004). Para Orlandi (2013), é na formação discursiva que se constitui o domínio do saber, o que funciona como um princípio de aceitabilidade para um conjunto de formulações e, ao mesmo tempo, como um conjunto de exclusão do “não-formulável”.

Entende-se, assim, que a formação discursiva não só se circunscreve na zona do dizível – do que pode e o que deve ser dito – definindo conjunto(s) de enunciado(s) possíveis, a partir de um lugar determinado, como também circunscreve o lugar do não dizível – o que não pode e o que não deve ser dito. Por esta razão, para tratar de formações discursivas, faz-se necessário tratar da interação entre formações discursivas, já que a identidade do discurso se constrói na relação com o “Outro”, esteja ele marcado ou não linguisticamente.



Desta forma, as formações discursivas que compõem o interdiscurso, com seus sentidos preestabelecidos, são constituídas concomitantemente à construção do discurso, recurso imprescindível para a análise discursiva dos cartazes dos manifestos sociais no Brasil, principalmente quanto à heterogeneidade do discurso. Desta forma, a metodologia utilizada para a análise dos cartazes fundamentou-se por teorias dos manifestos sociais e análise do discurso, assim, utilizou-se de estratégias de sequência didática de Dolz e Schneuwly (2004) que segue os procedimentos de apresentação da situação, produção inicial, módulo e produção final cujo objetivo é auxiliar o educando a dominar melhor um gênero, por meio de um conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática em torno de um gênero textual.

Como produção inicial, os discentes assistiram ao documentário “Os gritos da rua” e discutiram sobre o contexto dos manifestos sociais de junho de 2013.

Como Módulo inicial³ há todo um estudo sobre o gênero cartaz, que parte de pesquisas teóricas baseadas na obra *O cartaz* (2004) de Abraham Moles. O Módulo 2 descreve os principais movimentos sociais que antecederam os manifestos de junho de 2013. Nesta etapa, houve uma pesquisa em grupo cujo objetivo relaciona-se ao interdiscurso, conforme a AD-3, assim, alguns cartazes foram selecionados e contextualizados a três mobilizações que foram de suma importância para a sociedade contemporânea brasileira e fundamental para a reflexão e análise do próximo módulo. No último módulo foram selecionados três cartazes para a análise discursiva dos cartazes dos manifestos sociais de 2013. Após a contextualização intertextual e discursiva, os discentes puderam inferir por meio de práticas discursivas, hipertexto e multimodalidade, os processos de leitura crítica, de acordo com os seguintes cartazes: “Saímos do Facebook”; “Deseja formatar o país? Ok/cancelar”; e “Queremos escolas padrão Fifa”.

³ Conforme Dolz e Schneuwly (2004), após a apresentação da situação na qual é descrita de maneira detalhada a tarefa de expressão oral ou escrita que os alunos deverão realizar, estes elaboram um primeiro texto inicial, oral ou escrito, que corresponde ao gênero trabalhado; é a primeira produção. Essa etapa permite ao professor avaliar as capacidades já adquiridas e ajustar as atividades e os exercícios previstos na sequência às possibilidades e dificuldades reais de uma turma. Além disso, ela define o significado de uma sequência para o aluno, isto é, as capacidades que deve desenvolver para melhor dominar o gênero de texto em questão. Os módulos, constituídos por várias atividades ou exercícios, dão-lhe os instrumentos necessários para esse domínio, pois os problemas colocados pelo gênero são trabalhados de maneira sistemática e aprofundada.

O primeiro grupo iniciou sua análise discursiva do cartaz, destacando a retórica textual no enunciado “Saímos do Facebook”⁴.

Foto 1 - Manifesto em São Paulo – 13/06/2013



Fonte: Inclusive: inclusão e cidadania.

Em sua interpretação, os discentes relacionaram a foto ao enunciado do cartaz; assim, na imagem vê-se um jovem vestido de preto, que segura o cartaz e direciona sua vista para frente, ou seja, para a possibilidade da luta, do enfrentamento, além da decisão de mudar o país. Outro aspecto observado foi o cromatismo das letras: o verde, que representa a esperança, o alvorecer de uma nova realidade, em contraposição ao preto da vestimenta do jovem, que significa o luto pela situação precária do país.

Na sequência, houve a observação de que o estopim dos protestos em São Paulo foi o aumento da tarifa de ônibus, metrô e trens urbanos de R\$ 3,00 para R\$ 3,20, em 1º de junho de 2013. Quando as manifestações paulistanas começaram, já haviam ocorrido protestos em Natal (RN), Goiânia (GO) e Porto Alegre (RS) e, nesta última, conseguiu-se a redução da tarifa. Com o um trecho de uma pesquisa realizada, o aluno “A” salienta que, após o anúncio do aumento, aconteciam vários protestos em bairros, até a primeira manifestação chamada “Movimento Passe Livre” (MPL) em 6 de junho, no centro de São Paulo. Nos dias 7 e 11, houve novos atos reunindo milhares de pessoas. A principal reivindicação: revogação do aumento da tarifa.

Em consenso, refletimos que essas mobilizações adquiriram, nesses eventos, um caráter de movimento de massa, de protesto, de revolta coletiva, aglutinando a indignação de diferentes classes e camadas sociais, predominando a classe média propriamente dita em diferentes faixas etárias, destacando-se os jovens. O cartaz, com seus dizeres, reflete essa

⁴ Disponível em: <<http://www.inclusive.org.br/>>. Acesso em: 25/09/2014.

ideia de que a maioria das pessoas que estavam nos protestos eram jovens da classe social média e alta.

Outro ponto discutido foi a indignação com a violência que se espalhou por setores da sociedade como um choque elétrico. Os discentes, com faixa etária entre 13 a 15 anos, pertencentes à era digital e virtual, observaram que as redes sociais, como o Facebook e o Twitter, foram as principais ferramentas para a convocação dos atos que potencializaram a revolta. Muita gente que não se sensibilizara com o aumento do preço do transporte, desta vez, foi à rua. Assim percebeu-se que o enunciado “Saímos do Facebook” não poderia ser concebido em uma análise superficial, posto que o processo de construção da interpretação só seria efetivo caso tivessem conhecimentos intertextuais sobre o assunto. Neste momento, perceberam a relação entre o momento histórico e seus antecedentes, além da importância das redes sociais.

Também foi observado pelo grupo que, na foto, o jovem é o único entre os demais que segura um cartaz com determinação e afinco, e que no cartaz “Saímos do Facebook”, o verbo “sair” corresponde ao significado de “reagir”, “deixar a passividade”, “ir à rua”, ou seja, os jovens foram às ruas participar das mobilizações sociais, deixaram suas casas, seu ambiente virtual e reagiram contra o governo.

Em conclusão, destacou-se que o enunciado “Saímos do Facebook” faz parte do contexto histórico ocorrido em junho de 2013, quando as ruas brasileiras foram invadidas por milhares de pessoas – em sua maioria, jovens – expressando um descontentamento profundo com os rumos do país. Em vez das faixas com as reivindicações organizadas de segmentos sociais, muitos manifestantes carregavam cartazes, registrando suas demandas pessoais, sua raiva, sua criatividade, com o ímpeto de sair às ruas, atizados pelo “Movimento Passe Livre”, para pedirem mudanças e criticarem os governantes.

Com os resultados do trabalho de análise das características discursivas dos cartazes dos manifestos sociais de junho de 2013, evidenciou-se a necessidade de uma análise mais profunda, refletindo sobre o que não foi percebido pelos discentes, visto que, não possuem uma visão mais teórica sobre o tema e procedimentos de análise. Desta forma, foram analisados os cartazes trabalhados, fundamentados nos procedimentos de análise do discurso.

Cartaz – “Saímos do Facebook”

Entre os cartazes mais fotografados nas ruas desde que os protestos começaram, um dos mais discutidos era o que dizia "Saímos do Facebook", crítica bem-humorada aos chamados "ativistas de sofá". Cada palavra dos manifestantes só tinha razão de ser em relação a um contexto definido de antemão. Para tanto, não raro se valeram da sátira e da paródia para referenciar aquilo a que respondiam.

Um ponto em comum entre os movimentos que ganharam corpo a partir do uso massivo da comunicação virtual das redes sociais foi a importância das imagens – principalmente as de repressão aos protestos – como elemento de motivação e indignação civil. Na imagem do cartaz, percebe-se um jovem carregando um cartaz onde se pode ler a frase “Saímos do Facebook”; a fotografia diz muito a respeito do sentimento da novíssima geração de manifestantes. Trata-se de uma geração sobretaxada de adjetivos pouco elogiosos. São os “alienados da internet”, os “indignados de sofá” que, seguindo o exemplo de jovens que, como eles, tomaram as ruas em diversos lugares do mundo por outras razões que não o custo da passagem de ônibus, saíram pelo menos de casa, já que ao Facebook provavelmente continuam conectados nos seus smartphones (Carvalho, 2013).

Outro aspecto analisado, que faz parte da imagem, foi o suporte utilizado para o cartaz; o papel cartolina de cor amarela que, combinado ao verde representa os vários movimentos sociais brasileiros, como o “Fora-Collor”, em que os jovens pintaram seus rostos, a princípio de preto, simbolizando a luta pela democracia, em um claro “redescobrimento” da nação. Desta forma, o sujeito é atravessado pela linguagem e pela história. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para se produzir sentidos, ele é afetado por elas. (Orlandi, 2013).

Ao analisar a relação entre o jovem e o enunciado do cartaz, enfatiza-se que o sujeito/ator histórico e ideológico é representado como o fruto dos diversos manifestos ocorridos no Brasil e mundo, em uma perspectiva segundo a qual uma FD está sempre dominada pelo interdiscurso (Mussalim, 2003; Orlandi, 2013), além do assujeitamento ideológico em sua posição das relações de classes sem se dar conta de que é levado a isso (Mussalim, 2003; Orlandi, 2013). Assim, interpreta-se que os dizeres do cartaz estão estruturados por formações discursivas que refletem todos os descontentamentos da população em seu contexto histórico por meio de manifestos e mobilização social.



Na análise das características discursivas dos manifestos de junho de 2013, o enunciado liga-se a um momento específico, onde as ruas foram tomadas pelo povo para, assim, reivindicar por demandas sociais. Em um campo de contextualização coletiva, o pronome encontra-se oculto; temos um sujeito desinencial de primeira pessoa do plural representado por “nós”. O coletivo, representado de forma implícita, reflete os valores, as crenças de um momento histórico e um grupo social, indagando e questionando, pronto para exigirem reivindicações e reformas sociais no país. O sujeito do discurso interage em um grupo que tenta compreender o contexto situacional das mobilizações sociais de junho de 2013, abrangendo, sobretudo, os procedimentos do discurso, os saberes, as opiniões e as crenças que possui e que supõe serem compartilhadas por seu interlocutor.

O sujeito divide o espaço de seu discurso na medida em que ajusta sua atividade enunciativa, tendo em vista o outro. A pergunta que se faz é “quem é a voz polifônica que saiu do facebook, toda a população ou uma parcela que se conecta a um plano virtual, em uma realidade congruente aos princípios da revolução digital?” Os dados comprovaram que a maioria era de jovens, filhos das “Diretas-Já”, do movimento “Fora-Collor” e de outras mobilizações decorrentes dos anos 1980 e 1990. Esta nova geração participa ativamente dos componentes interativos através de redes sociais e outros sites de relacionamento em uma visão mais globalizada, conectando suas ideias, anseios e demandas sociais. Outro ponto observado no cartaz “Saímos do Facebook” é que, além de ter seu significado de “reagir”, “deixar”, “ir à rua; “sair”, apresenta um verbo que denota ação de parte do sujeito do discurso que ocupa um lugar social a partir desse espaço, enunciando sempre inserido no processo histórico que lhe permite determinadas inserções, e não outras.

Um fato que marcou as manifestações de junho de 2013 foi a convocação pelas Redes Sociais que já se tornaram, em grande parte, o suporte de conversas dos brasileiros, sobretudo em relação aos jovens. Desta forma, é normal que as mídias tradicionais utilizem esse apelo para saber conversar melhor com esse público.

Assim, conclui-se que as Redes Sociais fazem parte do cotidiano da população de brasileiros que, conforme as circunstâncias e mobilizações sociais, interagem de forma a buscar melhorias e amplitude de suas vozes por meio dos canais da internet.

Como produto final a publicação do trabalho se deu por meio de ambiente virtual, um suporte de gêneros discursivos criados e desenvolvidos pelos participantes, de forma a



abranger todo o trabalho da sequência didática. O site <http://denisfarias.comunidade.net> foi criado com o objetivo de engajar alunos e professor em um uso da internet voltado para o processo educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultado da intervenção pedagógica com os discentes, a leitura dos cartazes contribuiu para a formação do leitor crítico ao relacionar os contextos político-sociais ao processo de intertextualidade e interdiscursividade das manifestações sociais realizadas no país, de forma geral, com a realidade do município de Juína, além da compreensão e reconhecimento das práticas sociais da linguagem dos protestos a partir de análise discursiva e produção de textos por meio dos mais variados gêneros discursivos em uma conjuntura multimodal e hipertextual.

Com o procedimento de AD3, analisei os cartazes selecionados pelos educandos, como proposta de pós intervenção, visto que, ainda não construíram um aprofundamento teórico a respeito das teorias sobre os manifestos sociais e análise do discurso. Desta forma, com as análises dos cartazes dos manifestos de junho de 2013, pude reconhecer as especificidades e diferenças das populações que participaram das manifestações sociais e compreender o processo de interdiscursividade presente nessas mobilizações, pois o interdiscurso é o objeto de investigação de qualquer análise do discurso em sua formação discursiva que se corresponde a outras formações discursivas. Assim, o procedimento de AD3, em sua perspectiva de heterogeneidade, consolidou meus estudos e reflexão sobre os cartazes em sua formação ideológica e discursiva, ao compreender como a memória reconhece termos, expressões e ideologias inseridas no texto.

A análise das características discursivas dos cartazes dos manifestos sociais de 2013 propiciou aos participantes do projeto de intervenção pedagógica a interação aos mais diversos gêneros do discurso, a hipertextualidade e aportes teóricos que fundamentaram as análises aos contextos históricos das manifestações realizadas no país, de forma geral, com a realidade social do município de Juína.



O estudo possibilitou melhorias em minhas práticas pedagógicas, por meio de debates que propiciaram momentos de discussão e reflexão de forma crítica e comparativa sobre o processo de intertextualidade e interdiscursividade e sua relação aos fatos contemporâneos e históricos, além de procedimentos de sequência e análise discursiva, que tornaram minhas aulas mais dinâmicas, criativas e interativas, tendo como protagonista o educando autônomo e agente transformador social.

O trabalho em forma de SD “A Linguagem dos Protestos: uma análise discursiva dos cartazes das manifestações sociais brasileiras de junho de 2013” teve como meta atingida a política de ensino de língua portuguesa, baseada no Modelo Autônomo de Letramento de Magalhães (2012), direcionado às práticas sociais que destacam o papel da língua na constituição das relações, identidades e valores com interação de boa qualidade entre os educadores e educandos, por meio do projeto extracurricular que se aproximou da comunidade e também com as atuais demandas de ensino.

THE LANGUAGE OF PROTESTS: a discursive analysis of the posters of Brazilian social manifestations

Abstract- With Social Manifestos occurred in Brazil in June 2013, discussions have become frequent in the social sphere, especially in the educational sphere, in which young people engage increasingly in their active and critical participation in the Brazilian reality through various genres discursive mainly the poster, so common in the protests of June 2013. From these discussions, was proposed by the students and teacher an intervention project that objectivizes the critical training and civic education through discursive analysis of the social manifestos posters in Brazil. Thus, the methodology used for the analysis of the posters was based on theories of social manifestos and discourse analysis. So didactic following strategies were used, whose goal is to help our students to better master a genre through a set of educational activities organized systematically around a genre. As a result of educational intervention with the students, the study possible improvements in the teacher's pedagogic practice through discussion and moments of reflection on the process of intertextuality and interdiscursivity and its relation to contemporary and historical facts, as well as sequence of procedures and analysis discursive, which become the most dynamic, creative and interactive lessons, with the protagonist autonomous educating and social change agent. The research result was presented as a working conclusion of the Professional Master's Program in Letters – PROFLETRAS, offered by UNEMAT, Campus SINOP.

Keywords: Social Practices. Social Manifestos. Discourse Gender. Discourse Analysis.



REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Helena N. **Introdução à Análise do Discurso**. São Paulo: Unicamp, 2004.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e Redes de Mobilizações Cívicas no Brasil contemporâneo**. 7.^a ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

MAGALHÃES, Izabel. Letramento, intertextualidade e prática social crítica. In:

MAGALHÃES, Izabel (Org.) **Discursos e práticas de letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 17-68.

MOLES, Abraham. **O cartaz**. 1.^aed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2003.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 11.^a ed. São Paulo: Pontes Editores, 2013.

_____. **Discurso e Texto: formulação e circulação de sentidos**. 4.^a ed. São Paulo: Pontes Editores, 2012.

Recebido em: 12/06/2015

Aprovado em: 13 /07/2015